

DEPRESSÃO MATERNA E A PARENTALIDADE: ESTUDO LONGITUDINAL COM FAMÍLIAS EM VULNERABILIDADE SOCIOECONÔMICA

EDUARDA MARTINS LAGES¹; FERNANDA CUNHA SOARES²; TIAGO
NEUENFELD MUNHOZ³

¹Universidade Federal de Rio Grande – dudamlages16@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – fer.cunha.soares@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – tiago.munhoz@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O transtorno depressivo afeta cerca de uma em cada cinco mulheres em idade fértil, sendo a maioria de baixa renda e menor escolaridade (DOMINGUES et al., 2018). Além disso, aproximadamente 20% das mães brasileiras de crianças pequenas apresentam sintomatologia depressiva no pós-parto (MULLER et al., 2021). A depressão materna é um fator de risco não só para a mulher deprimida, mas também para seus filhos. Mães deprimidas apresentam práticas parentais não desejadas podendo comprometer o desenvolvimento infantil (LOVEJOY et al., 2000; MAH et al., 2016).

As práticas parentais estão relacionadas às interações e formas de cuidado dos pais com os filhos (BOLSONI-SILVA et al., 2019). Estas práticas podem ser positivas, incluindo maior responsividade às demandas infantis, monitoria positiva, comportamento moral, manifestações de afeto, atenção e ensinamento; ou negativas, com maior frequência de comportamentos de hostilidade, supervisão insuficiente, baixo monitoramento, presença de castigos físicos e negligência à criança (SAMPAIO, 2007; LOVEJOY et al., 2000). A parentalidade positiva está relacionada com diversas consequências benéficas para os pais, como maior senso de autoeficácia, habilidades sociais, limites, gerenciamento dos comportamentos indesejados das crianças e autorregulação das emoções. Também pode incluir melhoria do bem-estar emocional, pró-social, desenvolvimento de habilidades, competência de enfrentamento para as crianças (BEGLE et al., 2010; GUISSO et al., 2019). Ainda, a prática parental benéfica utilizada pelos pais pode colaborar com a redução dos comportamentos inadequados das crianças (BEGLE et al. 2010). Já as práticas parentais negativas podem afetar as habilidades sociais e competências emocionais da criança (BOLSONI-SILVA et al., 2019; GUISSO et al., 2019). Além da depressão, outros fatores biológicos, ambientais, culturais, sociodemográficos e pessoais dos cuidadores, contribuem com as interações entre pais e filhos (BOLSONI-SILVA et al., 2019). E níveis de escolaridade e renda podem diferenciar as formas de parentalidades negativas ou positivas em razão das condições sociodemográficas dos indivíduos (BOLSONI-SILVA et al., 2019). Poucos estudos têm investigado os efeitos a longo prazo da depressão materna e parentalidade no Brasil. Neste contexto, o objetivo deste trabalho foi analisar a associação entre a depressão materna e parentalidade em famílias vulneráveis socioeconomicamente.

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma análise longitudinal com dados de um estudo realizado com o objetivo de avaliar o impacto do Programa Criança Feliz (PCF) em 30

municípios brasileiros, durante três anos de intervenção. Entrevistas domiciliares foram realizadas em 2018 (T0), 2019 (T1) e 2021 (T3). Entre as 3.242 crianças e suas famílias participantes do estudo, 10% foram sorteadas para participar da avaliação da parentalidade, sendo 312 (T0), 304 (T1) e 275 (T3) mães e crianças avaliadas em cada ano.

Foram coletados dados referentes às características demográficas, socioeconômicas e comportamentais das famílias e das crianças. Para identificar os sintomas depressivos maternos foi utilizada a versão brasileira da Escala de Depressão Pós-natal de Edimburgo (EPDS), aplicada no T0, T1 e T3. A EPDS apresenta 9 questões relacionadas a como o indivíduo tem se sentido nos últimos sete dias (MATIJASEVICH et al, 2014). Os pontos de corte utilizados foram ≥ 10 para classificar mães deprimidas. O instrumento utilizado para avaliar a parentalidade foi a versão brasileira adaptada e validada “*Responsive Interactions for Learning*” (RIFL-P). O RIFL-P é um instrumento observacional composto por 11 itens, que mede três habilidades interligadas do cuidador: clareza comunicativa, leitura de mentes e construção de mutualidade (SCHNEIDER et al., 2021). A interação entre cuidador/a e crianças foi videogravada durante a realização de uma tarefa simples e desafiadora (>95% das cuidadoras principais eram as mães). Os vídeos foram codificados por duas psicólogas treinadas utilizando um checklist com 11 itens que variavam de 1 (não observado) até 5 (muito observado) sobre aspectos relacionados a clareza da comunicação (seis itens sobre instruções verbais e não verbais do cuidador, orientar/ lembrar regras e tentativa de conclusão da tarefa e sensibilidade às necessidades da criança), leitura do pensamento (três itens sobre responder a pedidos de ajuda da criança sutis ou não verbais, reformular orientações que a criança não entende e se cuidador é sensível ao que a criança sabe/compreende) e desenvolvimento da mutualidade (dois itens sobre cuidador reforçar positivamente comportamento da criança e incentivar a reciprocidade na interação) (SCHNEIDER et al., 2021). Detalhes sobre a metodologia do estudo podem ser acessados em publicações anteriores (SANTOS et al. 2020; SANTOS et al. 2022). O presente trabalho é apoiado por bolsa de mestrado da CAPES contemplada no Edital nº 12/2022 (Família e Políticas Públicas no Brasil II) SNF/MMFDH da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os sintomas de depressão maternos estiveram associados a menores escores de parentalidade (Interações responsivas para aprendizagem) no T1, cujo as crianças tinham aproximadamente 2 anos, assim como no T3 onde as crianças tinham cerca de 4 anos, porém não houve associação significativa no T0, como observado na Tabela 1. Além disso, das mães participantes do estudo 81 (25,9 %), 74 (24,3%) e 78 (28,3%) estavam deprimidas, respectivamente em cada um dos períodos. Apesar de não haver alteração no T0, os escores de interações responsivas foram consistentemente menores em mães com sintomas depressivos em comparação às mães não deprimidas nos três anos avaliados.

Os resultados encontrados corroboram de forma consistente com estudos presentes na literatura (LOVEJOY et al. 2000; MAH, 2016). De acordo com a metanálise de LOVEJOY et al. (2000), mães deprimidas manifestam mais dificuldades parentais do que mães não deprimidas, apesar disso, podem apresentar tanto práticas positivas/responsivas como negativas/coercivas. No entanto, as mães deprimidas apresentam médias mais altas de práticas parentais

negativas, sendo associadas à maior irritabilidade e hostilidade, afastamento, pouca interação social e menor ritmo de brincadeiras, relacionadas à criança (LOVEJOY et al. 2000; MAH, 2016). Além disso, a parentalidade negativa foi significativamente maior em mães atualmente deprimidas, do que em mães que tiveram depressão ao longo da vida (LOVEJOY et al. 2000).

Os sintomas diagnósticos depressivos podem estar relacionados a dificuldade de relacionamento entre mães e filhos, tendo efeitos diretos na capacidade materna em atender as necessidades infantis. Além disso, os fatores sociodemográficos contribuem tanto para a depressão materna quanto para a parentalidade negativa.

Tabela 1 - Média e desvio padrão (DP) para os escores totais das interações responsivas de acordo com o ano de acompanhamento e depressão materna (não/sim).

	Depressão materna				
	Não		Sim		p-valor
	N	Média (DP)	N	Média (DP)	
Interações responsivas (T0)	231	2,1 (0,9)	81	2,0 (0,8)	0,199
Interações responsivas (T1)	230	2,1 (0,8)	74	1,9 (0,8)	0,049
Interações responsivas (T3)	197	2,2 (0,9)	78	1,9 (0,8)	0,035

4. CONCLUSÕES

A depressão materna está associada com as práticas parentais negativas. Deste modo, este trabalho contribui para o avanço nos estudos relacionados à maternidade e suas nuances, além do incentivo às práticas parentais positivas e alerta às práticas negativas. Além disso, é um indicativo da necessidade de estudos longitudinais que avaliem a depressão materna ao longo do tempo e sua relação com a parentalidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEGLE, A.M., DUMAS, J.E. Child and Parental Outcomes Following Involvement in a Preventive Intervention: Efficacy of the PACE Program. **J Primary Prevent**, University of Geneva, v.32, p. 67–81, dez. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10935-010-0232-6>. Acesso em: 13/09/2023
- BOLSONI-SILVA, A. T.; LOUREIRO, S. R.. Práticas Parentais: Conjugalidade, Depressão Materna, Comportamento das Crianças e Variáveis Demográficas. **Psico-USF**, v. 24, n. 1, p. 69–83, jan. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-82712019240106>. Acesso em: 13/09/2023.

GUISO, L.; BOLZE, S.D.A.; VIEIRA, M.L. Práticas parentais positivas e programas de treinamento parental: uma revisão sistemática da literatura. **Contextos Clínicos**, Florianópolis, v.12, n.1, p. 227-255, jan/abr. 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cclin/v12n1/v12n1a11.pdf>. Acesso em: 13/07/2023.

LOVEJOY, M. C., GRACZYK, P. A., O'HARE, E., NEUMAN, G. Maternal depression and parenting behavior. **Clinical Psychology Review**, Estados Unidos, v. 20, n.5, p. 561-592, 2000. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/s0272-7358\(98\)00100-7](https://doi.org/10.1016/s0272-7358(98)00100-7). Acesso em: 13/09/2023

MAH, B. L. Oxytocin, Postnatal Depression, and Parenting. **Harvard Review of Psychiatry**, v.24, n.1, p. 1-13, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1097/HRP.0000000000000093>. Acesso em: 13/09/2023.

MULLER, E. V.; MARTINS, C. M.; BORGES, P. K. DE O.. Prevalence of anxiety and depression disorder and associated factors during postpartum in puerperal women. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 21, n. 4, p. 995-1004, out. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-93042021000400003>. Acesso em: 13/09/2023.

SAMPAIO, I. T. A.. Inventário de Estilos Parentais (IEP): um novo instrumento para avaliar as relações entre pais e filhos. **Psico-USF**, v. 12, n. 1, p. 125-126, jan. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-82712007000100015>. Acesso em: 13/09/2023.

SANTOS, Ina da Silva et al. Estudo de linha de base da avaliação de impacto do Programa Criança Feliz. **Cadernos De Estudos-Secretaria De Avaliação E Gestão Da Informação**, 2020. Disponível em: https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/18835/2/Estudo_de_linha_de_base_da_avaliao_de_impacto_do_Programa_Criana_Feliz.pdf. Acesso em: 13/09/2023

SANTOS, Iná S. et al. Avaliação do Programa Criança Feliz: um estudo randomizado em 30 municípios brasileiros. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, p. 4341-4363, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320222712.13472022>. Acesso em: 13/09/2023

SCHNEIDER A, RODRIGUES M, FALENCUK O, MUNHOZ TN, BARROS AJD, MURRAY J, DOMINGUES MR, JENKINS JM. Cross-Cultural Adaptation and Validation of the Brazilian Portuguese Version of an Observational Measure for Parent-Child Responsive Caregiving. **Int J Environ Res Public Health**, Pelotas, v.18, n.3, p. 2-15, jan. 2021. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7908563/>. Acesso em: 13/09/2023

MATIJASEVICH, A., MUNHOZ, T. N., TAVARES, B. F., BARBOSA, A. P., da SILVA, D. M., ABITANTE, M. S., DALL'AGNOL, T. A., SANTOS, I. S. Validation of the Edinburgh Postnatal Depression Scale (EPDS) for screening of major depressive episode among adults from the general population. **BMC psychiatry**, v.14, p.5-9, out. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12888-014-0284-x>. Acesso em: 13/09/2023